



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

A banalização da violência dentro do conto Dia dos Namorados de  
Rubem Fonseca.

Julia Paes da Silva

Rio de Janeiro, 2023

JULIA PAES DA SILVA

**A BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO CONTO DIA DOS NAMORADOS DE  
RUBEM FONSECA.**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/ Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Luis Alberto Nogueira.

Rio de Janeiro, 2023

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

JULIA PAES DA SILVA

DRE: 117097116

### A BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO CONTO DIA DOS NAMORADOS DE RUBEM FONSECA.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/ Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Luis Alberto Nogueira.

Data de aprovação:

Banca examinadora:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luis Alberto Nogueira - Presidente da Banca Avaliadora

Nota: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Víctor Manuel Ramos Lemus.

Nota: \_\_\_\_\_

Rio de Janeiro, 2023

## RESUMO

Este trabalho procura entender os movimentos literários e não literários feitos por Rubem Fonseca e como a violência fez parte da sua escrita no conto “Dia dos Namorados”, inserido no livro “Feliz Ano Novo”, lançado em 1975, no auge da Ditadura Militar. Além disso, o trabalho contém uma análise minuciosa do cotidiano e como a banalização da violência se fez presente no conto e nas suas esferas que o permeiam. No mais, o trabalho ainda conta com o estudo do período histórico que abarca o contexto do autor e sua relação com a literatura brutalista.

**Palavras chave:** violência, banalização, brutalismo.

## **ABSTRACT**

This work seeks to understand the literary and non-literary movements made by Rubem Fonseca and how violence was part of his writing in the story "Dia dos Namorados", found in the book "Feliz Ano Novo", released in 1975, at the height of the Military Dictatorship. In addition, the work contains a detailed analysis of an everyday life and how the trivialization of violence was present in the story and its permeating spheres. The work also includes a study of the historical period that encompasses the author's context and his relationship with brutalist literature.

Words: violence, trivialization, brutalist.

## SUMÁRIO

Introdução.....	6
Violência no conto.....	8
A perspectiva do Mandrake.....	12
A construção dos personagens.....	16
A perspectiva histórica e linguística.....	20
Conclusão.....	23
Referências.....	25

## 1. Introdução

O conto “Dia dos namorados” tem como abordagem principal a perspectiva de Mandrake, um detetive que é chamado pelo banqueiro J.J. Santos para resolver um contratempo no qual Santos se atrela. A partir dessa premissa inicial o narrador-personagem conta como odeia injustiças porém, vive em contradições que logo são evidenciadas nos primeiros momentos do caso, quando Mandrake diz que cobraria “uma grana firme” para solucioná-lo.

Tendo como base o escritor Julio Cortázar que o conto é uma narrativa de cunho incisivo, direta ao seu objetivo principal, tanto em relação a linguagem como na construção de um clímax, é possível perceber que em “Dia dos namorados” a abordagem de Cortázar, juntamente com a violência que transcorre desde o momento inicial até os pontos de clímax e desfecho, é corroborada. Na fala “os jogadores de polo vão todos para o inferno” é possível identificar em Mandrake o seu desprezo pelo ambiente que estava inserido e seus interesses escusos de resolver o caso e a sua necessidade de colocar seus interesses pessoais acima da resolução de qualquer caso.

A escolha do título vem do sentido denotativo, de fato o conto se passa no dia dos namorados, porém é interessante avaliar como a data é irrelevante para Mandrake, sujeito narrador da história. Além disso, a narrativa é pautada no desafeto, ódio, vingança e sentimentos que vão contra a ideia de amor romântico, apesar de contar a relação entre J.J. Santos e Viveca, personagens que se desenvolvem a partir da violência.

Pensando em como os personagens se comportam e como a narrativa se desenvolve em toda narrativa já nas primeiras linhas é possível perceber como o senso de justiça está presente dentro do íntimo de Mandrake, mesmo que muitas vezes as contradições estejam presentes o detetive possui senso de humor ácido e traquejo social duvidoso. Ainda assim, ele consegue construir uma relação de fidelidade com todos os personagens presentes, permitindo-o que seu trabalho seja concluído.

Ainda falando de Mandrake, este é um personagem que já aparece em outras obras de Rubem Fonseca, ele possui características ímpares quanto à forma como se comporta diante de situações onde dilemas morais são o cerne de sua persona. Em meio a uma violência exposta e criada pelo meio urbano na qual o personagem está presente exclusivamente, o intuito do conto como um todo é demonstrar como a agressividade passa pela visão de um homem dos anos 70 e quais caminhos ela percorre.

O banqueiro J.J. Santos após ir até a Barra da Tijuca, lugar completamente isolado na década 70, a fim de recrutar garotas de programa para um hotel, se depara com Viveca, que o induz a legalidade do programa, uma vez que o banqueiro indaga sua idade. Assim, os dois vão para um hotel. É possível pontuar que os diálogos são sempre carregados de rispidez, transparecendo o modo como os personagens são descritos e a forma crucial que eles se relacionam, é importante perceber que há no conto que forma-se um conjunto das pequenas violências, desde a própria perspectiva de Mandrake, até a sua relação com a importância que o caso tem em sua vida pessoal.

A violência entre o banqueiro e Viveca começa a aparecer logo nas primeiras interações entre os dois, a relação no hotel começa a levar a cena de sexo, o fato de Viveca ser uma travesti então abre início ao climax do conto. Logo em seguida, J.J. se sente enganado e ludibriado pela travesti e ainda em uma certa vulnerabilidade acusa a mulher de roubar os cruzados que estavam em sua carteira. Em um ímpeto de mais ferocidade a travesti se corta com sua gilette e ameaça o banqueiro a receber 10 mil cruzados ou então se mataria.

As circunstâncias levam a Mandrake ir atrás de Viveca, a preocupação de JJ com sua imagem e com o desfecho fúnebre que sua saída pela barra causou começa a tomar forma. O detetive se prontifica a dar o dinheiro de Viveca, que entra em seu carro, porém no meio do caminho Mandrake se depara com uma delegacia e antes que a travesti se de conta Mandrake já havia se encaminhado para a tal delegacia.

Cenas clássicas de truculência policial acontecem no momento em que Mandrake se encaminha para a delegacia, retratando então uma semelhança com a realidade, principalmente no contexto do Brasil dos anos 70, em plena ditadura militar. Na perspectiva de Candido em “Direito a literatura”, a literatura pode ser considerada parte de um devaneio por quem a cria e ainda assim, está inserida num

contexto social e de vivências pessoais, o que naturalmente gera uma série de dualidades.

Mandrake por sua vez termina o conto voltando ao hotel e roubando ele mesmo o dinheiro de J.J. Soares, demonstrando mais uma vez que seus casos são motivados não pela sede de justiça mas por benefício próprio. Ao voltar para casa, se coloca numa eterna dualidade entre a felicidade de estar com dinheiro e a tristeza de uma vida esvaziada pelo mesmo.

Este trabalho tem como objetivo analisar como “Dia dos Namorados” possui relevância na literatura brasileira enquanto objeto de estudo da permanência da violência na literatura policial e urbana. Além disso, é de suma importância perceber quais os aspectos inauguram a literatura brutalista no Brasil e qual a relação entre a Ditadura Militar e a produção literária de Rubem Fonseca, uma vez que o livro “Feliz Ano Novo”, no qual o conto faz parte, foi lançado no auge do período histórico que abarque uma das maiores violências na América Latina do século XX.

## **2. A violência no conto**

Violência é um tema de grandes estudos acerca do desenvolvimento das sociedades. Há anos esse assunto move discussões que vão para além do entendimento do indivíduo comum em suas relações diretas com a comunidade que o cerca; se a filosofia trata a violência e seu impacto direto na vida humana, a literatura abarca e acomoda representações que fomentam a discussão.

Dentro da literatura brasileira autores como: Machado de Assis, Conceição Evaristo e Rubem Fonseca contemplam a necessidade de fazerem com que o tema flua em diferentes abordagens, com isso, é perceptível que quando esses escritores descrevem a vida cotidiana esse tema surge de maneira naturalizada.

Entender a literatura é entender a forma como os indivíduos reagem ao seu tempo e os impactos do mundo que os cercam no dia a dia, que é muitas vezes transcrita em forma de conto, crônica e outros gêneros que tem como premissa a construção de uma narrativa que abrange linearidade e dia a dia, com linguagem mais simplificada.

Segundo o renomado crítico literário Antonio Candido, em seu livro “Literatura e Sociedade”, o papel da literatura é também representar um entorno através dos olhos do autor e de seus processos criativos; ele descreve tanto o processo artístico em si como também vinda da necessidade da criação.

“Na prática, chegou-se à posição criticamente pouco fecunda de avaliar em que medida certa forma de arte ou certa obra correspondem à realidade. E puluram análises superficiais, que tentavam explicar a arte na medida em que ela descreve os modos de vida e interesses de tal classe ou grupo, verdade epidérmica, pouco satisfatória como interpretação.” (p. 13)

Pensar no tema da violência como foco da representação estética intrínseca a todas as camadas de uma obra literária traz a noção de cotidiano e sua representação através de diversos mecanismos que atravessam o texto, um desses mecanismos é a linguagem na qual é escolhida arbitrariamente para aproximar o leitor da obra. A autora Masa Moura em seu livro “Linguagem funcional e literatura: presença do cotidiano no texto literário” descreve a importância da reflexão entre linguagem e estética do texto a partir da aproximação do autor para com recursos narrativos próprios de uma conduta que represente o cotidiano.

“Ao nos depararmos com passagens textuais vazadas em linguagem coloquial, gírias, jargões de grupos sociais e profissionais e falares regionais, e com textos de cunho marcadamente utilitário de uso da vida cotidiana, constituindo eles próprios integrantes não meramente ilustrativa do mundo verbal instaurado na obra literária - assim considerada a priori -, propomo-nos as seguintes questões: Qual o papel da linguagem da comunicação cotidiana no contexto da obra literária?.” (p.11)

Partindo então das análises a respeito da violência e suas faces dentro do cotidiano, pode-se considerar que o autor Rubem Fonseca compõe sua obra a partir da ótica de mundo no qual sua perspectiva estava inserida.

Dentro de “Dia dos Namorados” há a construção de uma narrativa simples de acordo com o movimentos do cotidiano que vem de 3 grandes personagens: Mandrake, J.J. e Viveca; um retrato da sociedade da época que demandava muita violência em seu contexto sociopolítico, dessa forma, pode-se analisar as medidas violentas através de de dois aspectos: a simbólica e a não simbólica, esses abordados pelo filósofo contemporâneo Zizek.

Segundo o filósofo, a violência tem dois vieses importantes a serem avaliados: há a violência física e há a violência acometida pela linguagem, como uma espécie de símbolo que permite que algumas formas desse sentimento permaneça enraizado pela sociedade, uma vez que são difíceis de serem

combatidas. Pensando em como a sociedade, em meio ao contexto sócio-político da Ditadura Militar de 1964, interpreta as violências de maneira banalizada é possível entender que o conto de Rubem Fonseca se faz representante desse corpo social que na maioria das vezes pratica ambas as formas de violência, abordadas por Žizek, de maneira normalizada.

O início do conto “Dia dos Namorados” é marcado pela posição do personagem principal Mandrake, que conduz a história de investigação a partir de suas contradições explícitas a respeito de ética e conduta do caso que é apresentado por J.J. Santos, um banqueiro importante da alta sociedade carioca, e precisa de solução, uma vez que há um jogo de imagem por trás da necessidade de solução do caso. Marcado por ser um personagem que deixa claro seus interesses pessoais, Mandrake aparece no primeiro momento com uma loira ao lado, sendo esta, uma espécie de objeto para que ele também receba credibilidade por sua imagem.

Pensar em mulheres dentro da análise de contos de Rubem Fonseca é pensar também em como são sempre violentadas não somente pela representação de algum conflito que haja violência física, como também, o apagamento do gênero feminino em prol da necessidade do homem. Tendo em vista a discussão onde os indivíduos são representantes da sociedade há uma equiparidade entre Viveca e a mulher loira que acompanha Mandrake, as duas são interpretadas por uma ótica de silenciamento e vergonha, onde ambos os corpos tem como objetivo principal a satisfação masculina, seja no aspecto carnal, seja enquanto imagem de troféu.

Analisando os três personagens do conto é possível entender que todos possuem uma capacidade de assumir exatamente papéis que são esperados pelo público que os lêem. O banqueiro e Viveca possuem uma vida dupla baseada na estética que ambos preservam sobre seus corpos e lugares que ocupam; em uma análise minuciosa da narrativa é interessante observar que a Barra da Tijuca se torna palco de travestis, traições e ocorrências policiais com direito a navalhadas no braço; ou seja, mais uma vez, encenando a violência de forma física.

J.J. Santos interpreta um membro da alta sociedade que ao contratar os serviços sexuais de Viveca, que por sua vez está na rua a trabalho e segue com o banqueiro para o hotel. Todo o ápice de violência começa a ser representado a partir dessa cena, que demonstra como os homens nos anos de 1970 se comportam quando encaram papéis de gênero não convencionais, uma vez que é apenas no

início do ato sexual que o banqueiro se dá conta que há um pênis entre as pernas de Viveca.

Ao se sentir ludibriado pela travesti logo em seguida do espanto inicial, J.J. apresenta aparente vulnerabilidade e toma para si a postura violenta que vai para além da simbólica dita por Zizek, deixando claro que ambos os tipos andam lado a lado num ímpeto entre a linguagem e a concretização dela.

Em um ímpeto de mais violência a travesti se corta com sua gilette e ameaça o banqueiro a receber 10 mil cruzados ou então se mataria, revelando a preocupação entre autoimagem e comportamentos autodestrutivos que corroboram a estética de Viveca, que também aparece no conto.

A trama se desenrola com Mandrake que ao mesmo tempo que tenta mediar a situação é visto como uma espécie de herói do banqueiro, um lado rico e com muita influência demonstrado através da escolha de aceitar o caso e prosseguir com ele até levar alguma espécie de vantagem pessoal.

A esfera da violência ocorre em tantos aspectos do conto que é possível analisar a maneira com que o próprio Mandrake atropela a si mesmo tentando buscar o constrangimento de seu amigo J.J. para também levar alguma vantagem sobre o caso. Marcado por um conflito que se inicia com uma navalha no pescoço, o investigador demonstra que é capaz de atravessar todos os princípios da ética.

-Quero meu dinheiro logo, senão faço uma loucura!, gritou Viveca, dando um golpe no braço. O gesto era seco e violento, mas a gilette passava de leve na pele, apenas o suficiente para sair sangue e apavorar os otários.

-Não faça isso, pelo amor de Deus!

-Faço uma loucura!, ameaçou Viveca.

Ele não devia conhecer bem o Rio, ou então não sabia onde estavam localizadas as delegacias. Na porta da delegacia do Leblon estavam dois tiras conversando. Freei o carro, quase em cima deles, e pulei fora, gritando, cuidado! o travesti está armado com uma gilette! (FONSECA, 2012, p.37)

Em uma espécie de ironia, muito desenhada nos contos de Rubem Fonseca, Mandrake se encaminha para um local de suposta justiça, uma delegacia em bairro nobre da cidade. Alguns atos após os policiais que interviram na situação são palco de análise para esse trabalho, um deles é a forma como Viveca é tratada, tendo seu cabelo arrancado demonstrando a falta de percepção e humanização da personagem durante toda a narrativa; ainda pensando na travesti, ela se percebe enquanto sujeito marginalizado e mostra todo seu braço cortado e cicatrizado em

uma espécie de autoflagelo e sobrevivência quando é percebida por aplicar sempre a mesma espécie de golpe.

Interpretar uma narrativa urbana significa entender o contexto e as minúcias do cotidiano daquele grupo social. Rubem Fonseca demonstra seu claro entendimento e ponto de vista em “Dia dos Namorados”, quando demonstra através de linguagem simbólicas ou não a potência dos seus personagens e como eles se deslocam no tempo e espaço do conto. Assim, é de suma importância que a violência seja objeto de estudo para análise das suas diferentes formas para a contribuição da literatura brasileira, especialmente em uma época como 1975, ano em que o livro foi lançado.

### **3. A perspectiva do Mandrake**

Entender Rubem Fonseca é entender a composição dos seus personagens nas diferentes tramas que ele aborda, não há como desvincular a escrita e estrutura do conto em relação a construção do eixo narrativo acerca da linearidade que o personagem-narrador de “Dia dos namorados”, Mandrake, faz em referência

A origem do nome Mandrake demonstra uma das mil faces de Rubem Fonseca que até hoje se perpetuam no universo da literatura. Atravessado por uma genialidade que o caracteriza enquanto autor de uma narrativa brutal, ele cria a figura do Mandrake com o propósito da identificação e da ironia que acompanham o arco narrativo em “Dia dos namorados” e em outras obras onde o personagem aparece.

Mandrake vem da origem Mandrágora, uma planta medicinal, ritualística e um tanto quando tóxica, a definição se faz diretamente atrelada a como as características que o detetive possui, uma pessoa sempre demonstrando sua toxicidade e a vontade de se inserir na alta sociedade carioca mesmo que isso custe ética, dignidade humana e etc.

O advogado Paulo Mendes, vive Mandrake em uma espécie de caricatura de um advogado criminalista misturado com investigador, é um típico carioca com o estereótipo de malandro, ele trabalha em um escritório e ama casos complexos, que demandem esforço e principalmente que dê a ele uma certa honra entre seus

clientes afortunados. Seu amigo advogado Medeiros, o acompanha nos casos e no escritório, é um amigo um tanto quanto fiel. Além disso, entre os elementos caricatos há sempre um marco entre a falta de preocupação do fio condutor do caso, ele “topa tudo” por seus supostos amigos como se seu trabalho fosse um favor.

As relações que Mandrake traça em torno do conto são as das mais variadas, para ele, todas as relações são atravessadas de algum interesse, isso faz com que as diversas formas de analisar os coadjuvantes da história abram para um leque de interpretações, ou seja, tudo depende de como o detetive se comunica com seus pares. tendo em destaque a de J.J. Santos, seu “amigo” banqueiro. É nítida a preocupação em como se comunica com os diversos personagens do conto, se por um lado o detetive tenta se inserir na classe alta do Rio de Janeiro, por outro é muito claro que há sempre uma relação de troca com todos os personagens da história.

Mandrake se comporta no conto com diversas nuances que fazem do leitor um identificador hábil. Com certeza quem lê a figura de Mandrake pensa em alguém ou em si que tenha como base a identificação. Dia dos namorados é um retrato muito bem áspero da maneira com que a sociedade brasileira do final do século XX encara a dualidade entre o bem e o mau, o homem e a mulher, o banqueiro e o detetive; a trama é criada a partir do ponto de vista do detetive de luxo, tal fato ajuda a entender como essas situações duplas estão bem colocadas durante o contexto de tirania do conto. É impossível negar que Mandrake é um tirano de si mesmo, com toda a sua preocupação em adentrar nessa alta sociedade, ele vive uma vida um tanto quanto escravizadora e solitária, é focado no trabalho e as relações humanas parecem sempre com um tom de irrelevância.

“Eu peguei a princesa loura e disse, vem comigo. Era dia dos namorados. Você já leu algum livro de poesia?, ela me perguntou.  
Olha, respondi, nunca li livro nenhum, exceto os de direito.  
Ela riu.  
Você tem todos os dentes?, perguntei.  
Ela tinha todos os dentes. Abriu a boca e vi as duas fileiras, em cima e embaixo. Coisas de rico.” (FONSECA, 2012, p. 41.)

O que Mandrake reflete da sociedade da época é o desejo e a insatisfação caminhando lado a lado, o desejo naquilo que se quer e não pode: dinheiro abundante e a insatisfação na vida que leva. Se J.J. Santos tem algo a dizer para o detetive, nas entrelinhas do conto, é como ele nunca iria pertencer a elite carioca sem que houvesse uma relação de troca entre seus pares. Desse modo, fica ainda

mais evidente a necessidade de troca ser feita de maneira recorrente, justificando inclusive a obsessão do detetive com seu trabalho.

“Eu peguei a princesa loura e disse, vem comigo. Era dia dos namorados. Você já leu algum livro de poesia?, ela me perguntou.

Olha, respondi, nunca li livro nenhum, exceto os de direito. Ela riu.”(FONSECA, 2012, p, 45.)

Em 1975, Alfredo Bosi, renomado crítico literário, demonstra em suas análises, a percepção de uma chamada “literatura brutalista”. Para o autor, a violência é a centralidade dos fatos, ela molda o gênero literário abarcado e depois se faz presente em todas as camadas possíveis. Bosi aponta diretamente Rubem Fonseca como um dos pioneiros do brutalismo e é a partir dessa análise que entende muitos dos comportamentos de Mandrake sobre os outros personagens, não somente em relação a violência mas, a maneira que as abordagens são diferentes para cada um dos personagens.

A sociedade de consumo é, a um só tempo, sofisticada e bárbara. Imagem do caos e da agonia de valores que a tecnocracia produz num país do Terceiro Mundo é a narrativa brutalista de Rubem Fonseca que arranca a sua fala direta e indiretamente sobre as experiências da burguesia carioca [...]. A dicção que se faz no interior desse mundo é rápida, às vezes compulsiva; impura, se não obscena; direta, tocando o gestual; dissonante, quase ruído. (BOSI, 2015, p.19 -20)

Ainda falando de literatura brutalista, três pilares para entendê-la são fundamentais: a relação com a cultura norte americana (diretamente ligada ao Brasil na década de 70), as diferenças sociais marcadas por um contexto de Ditadura Militar e a aceitação da violência no meio social, também citada por Tânia Pellegrini em seu artigo sobre violência e literatura, onde a mesma afirma que há uma dificuldade de não associar a violência cultural que assola a história do Brasil e a arte, especificamente a literatura.. Esses três aspectos são importantes na compreensão da construção de Mandrake especialmente em sua relação mais brutal do conto, a com Viveca.

Viveca é uma travesti da década de 70 que vive à margem da sociedade, não somente pela sua condição como também na localidade da cidade, a Barra da Tijuca era uma várzea da vida cotidiana, era o lugar dos hotéis e motéis afastados da Zona Sul do Rio. A relação entre a literatura brutalista e os personagens Mandrake e Viveca se desdobra como um intrincado jogo de nuances sociais e morais. Mandrake, como advogado criminalista, personifica a brutalidade inerente à justiça nas camadas mais sombrias da sociedade urbana. Sua figura complexa, muitas

vezes imersa em ambiguidades éticas, reflete os pilares do movimento brutalista ao desafiar as fronteiras entre certo e errado. Em contraste, Viveca, uma personagem que aparece em algumas obras de Fonseca, introduz uma dimensão feminina que, mesmo sob uma aparência frágil, pode transcender estereótipos convencionais.

A interação entre Mandrake e Viveca, muitas vezes caracterizada por relações complexas e envolvimento passionais, amplia a exploração brutalista ao adentrar os recantos mais íntimos das emoções humanas. Esses personagens, cada um à sua maneira, contribuem para a tessitura de uma narrativa brutalista que desafia as normas convencionais e expõe as entranhas cruas da sociedade moderna.

Como Mandrake se comporta no conto é uma forma de mensurar a sua relevância para os outros personagens, é assim que Mandrake se faz presente de maneira ambígua na sua relação com Viveca, que marginalizada representa a hipocrisia da forma com que é escondida por J.J Santos e ceifada pelo próprio detetive em forma de traição.

O *modus operandi* de Mandrake demonstra muito da literatura brutalista no personagem, a maneira que a violência é uma espécie de *continuum* no conto, demarcada por trapagens, navalhas e vivências marginais muito bem representada pelo detetive, que em todo o arco narrativo sempre retoma o problema ou até mesmo uma busca pelo que é justo ao procurar uma delegacia para entregar Viveca. É interessante perceber que não há conflito moral que seja capaz de estabelecer em Mandrake alguma espécie de sentimento de empatia.

“Nenhum dos policiais parecia interessado em revistar Viveca. Então me deu aquele estalo. Agarrei os cabelos de Viveca e puxei com força. Os cabelos saíram na minha mão e quatro notas de quinhentos voaram pelo ar e foram cair no chão. Foi esse dinheiro que ele roubou do meu cliente, eu disse, aliviado. Ele me deu, foi ele que me deu, eu juro, disse Viveca, sem muita convicção. Antes de trancarem Viveca no xadrez, viram que ele tinha uma porção de marcas antigas nos dois braços. Aquele macete já devia ter sido aplicado muitas vezes.” (FONSECA, 2012, p.45.)

O olhar duplo da forma com que o investigador por si só se mantém dentro da narrativa de Rubem Fonseca, Mandrake é primordial para entender a genialidade do autor, é uma espécie de herói carioca que funciona como um estereótipo cômico do falastrão que sempre se dá bem. Há de fato banalização da figura do “herói-bandido” que cria a identificação entre o leitor que vive o momento da violência em todas as

camadas da sociedade, seja pelo contexto da Ditadura Militar, seja na própria trajetória da criação do estereótipo do homem brasileiro.

#### 4. A construção dos personagens

A narrativa de Rubem Fonseca convida para a análise de todos os personagens que permeiam entre a complexidade e a simplicidade. Há um jogo duplo extremamente descritivo, inclusive na construção da narrativa do autor, o que impacta diretamente a maneira com que há representação das pessoas do cotidiano de maneira caricata.

Tendo em vista o início da narrativa, pode-se analisar de forma linear que o primeiro personagem que aparece é Mandrake, o investigador, ele com seu afinco pelo trabalho deu por si só formato com um tom muito pessoal em relação a descrição do cenário, outros personagens, questões morais e aspectos de um conto no geral. Mandrake é uma figura extremamente importante na literatura de Rubem Fonseca, como já descrito anteriormente neste trabalho, por isso, ao se colocar como narrador personagem é a partir dessa perspectiva que J.J. Santos, Viveca, a loura que acompanha o detetive, os policiais que encerram o caso ganham forma para ornar com os conflitos éticos propostos por Fonseca.

Apresentando o *continuum* do conto, a primeira personagem a aparecer depois do detetive é a loura que o acompanha, ela é uma mulher sem nome, assim como a mulher do banqueiro J.J. Santos, as mulheres representam um papel estético, são bonitas, elegantes, de poucas palavras, sem identidade especialmente na década de 70. A diferença entre a mulher de Santos e a que acompanha Mandrake é que a loura de Mandrake possui duas linhas de um diálogo vazio, representando ainda mais a falta de importância do papel da mulher na sociedade, em tom de desdém com as figuras femininas.

Foi lá que encontrei a loura. Parecia uma flor orvalhada, a pele saudável e limpa, os olhos brilhando de saúde.

Os jogadores de polo vão parar no inferno, eu disse.

Como?, ela perguntou.

No juízo final os ricos se fodem, respondi.

Um socialista romântico!, ela riu, com desprezo.(Fonseca,2012, p.41.)

Ao ser colocado como personagem principal, a visão de Mandrake reduz a visão do leitor acerca da leitura dos personagens, isso não ocorre somente com duas mulheres que aparecem inicialmente, as quais o nome é indefinido, porém também com J.J. Santos, o banqueiro. Com uma personalidade que permeia entre as contradições, o banqueiro aparece em cena com um problema a ser resolvido, um segredo obscuro.

J.J. é construído a partir do conservadorismo da época, um homem de meia idade, rico, com um casamento falido e frequentador de clubes de golfe da elite carioca, assim como Mandrake representa um estereótipo do homem de classe média que busca a ascensão social, Santos representa o estereótipo de uma elite falida moralmente.

Após deixar um noivado, J.J. Santos encara o primeiro conflito sobre o que fazer na cidade do Rio, então decide buscar uma prostituta de pouca idade em uma região ainda pouco habitada da cidade, a Barra da Tijuca. Santos demonstra a contradição entre a figura conservadora de um banqueiro no auge da ditadura militar e a vida boêmia que levava. O início do conflito do conto é marcado por Santos, que olha uma menina bonita na praia da Barra e resolve voltar de Ipanema, além disso, ele demarca bem as diferenças de classe entre os bairros.

A menina bonita que chama a atenção do banqueiro aparenta ser muito mais jovem que ele, dezesseis anos, o que causa um ímpeto de estranhamento e mais um dilema moral é facilmente resolvido através da índole marcada do personagem. A partir desse movimento inicial a trama ganha uma nova forma até chegar ao chamado clímax da história, Viveca apresentada como uma mulher jovem e a mais bonita daquele metro quadrado se disponibiliza e disponibiliza seus serviços para o banqueiro.

Viveca é uma representante da corrupção moral da sociedade brasileira e aristocrata, começando pelo local que se insere, sempre à margem da sociedade, performando uma feminilidade artificial em troca da sobrevivência, é possível interpretar este fato como uma violência da sociedade para com seus indivíduos. Viveca pode ser lida como uma auxiliadora da performance da falência de J.J. Santos, que por sua vez desatina em conflitos e sempre escolhe uma maneira de não sair perdendo dentro do jogo da vida burguesa.

Ao chegar ao hotel, ainda acreditando em Viveca, ele se sente satisfeito e anestesiado pelo ímpeto do início do ato sexual quando há uma quebra de expectativa enorme a respeito da sexualidade da prostituta desmascarada pelo próprio banqueiro, como uma queda do pedestal da heteronormatividade marcada pelo machismo vigente da época e acentuada ainda mais pelo cenário de Golpe Militar. A partir desse fato a violência se consuma de maneira menos discreta e mais lúdica, é importante perceber que há um fio condutor da violência que se inicia nesse ponto.

Viveca postou-se de bruços, novamente. Virando o rosto, encarou J.J. e perguntou com doçura, você não me quer? Seu pe-pederasta sem-ve-vergonha, disse J.J. Apanhou suas roupas e correu para o banheiro, onde se vestiu apressado. Você não me quer?, disse Viveca, ainda na mesma posição, quando J.J. Santos voltou ao quarto. J.J. Santos, aflito, botou o paletó e tirou a carteira do bolso. Ele sempre carregava muito dinheiro na carteira. Naquele dia tinha dois mil cruzeiros em notas de quinhentos. Coisas de mineiro. Os documentos estavam na carteira. O dinheiro tinha sumido. Ainda por cima roubou meu dinheiro! (FONSECA,2012, p. 43)

A partir então do clímax o desenvolvimento de Viveca enquanto personagem principal junto com J.J. começa a ficar demarcado por seus atos (estes sempre correlacionados a violência). Em primeiro lugar há um roubo cometido pela mesma, um crime, logo em seguida como uma espécie de ritual a travesti começa a ameaçar o banqueiro de exposição enquanto corta seu braço com a gilete alegando que cometeria suicídio e de lá um escândalo seria feito. Sem dúvidas uma fácil compreensão de que aquela era uma prática já conhecida por ela.

Roubo, rejeição e suposto suicídio, são os três pilares de como a travesti se fez presente no conto a ameaça de chantagem do suicídio é mesclada com a rejeição, Viveca se sente rejeitada pelo banqueiro, alega que ele já sabia o que ela era e agora mais uma vez virou objeto de descarte e vergonha.

J.J., estarecido, fez um gesto de nojo e medo. Sou viado sim, sou VI-III-ADO!, o grito de Viveca parecia que ia romper todos os espelhos e lustres. Não faça isso, suplicou J.J., apavorado. Você sabia o que eu era, me trouxe aqui sabendo de tudo, e agora me despreza como se eu fosse lixo, soluçou Viveca, enquanto dava outro golpe no braço com a gilete. (FONSECA, 2012, p.43)

Acionado por Santos, Mandrake possui a missão de entregar o dinheiro da chantagem e encerrar o caso, algo que Mandrake já saberia manusear devido a sua experiência. Como Mandrake é caracterizado como um advogado assíduo e

moralmente corrompido, ele engana a travesti e a leva para a delegacia, como em um ato quase heróico.

Pensar na construção dos personagens e na história a respeito da banalização da violência em “Dia dos Namorados”, é pensar em como atos quase heróicos fazem parte da narrativa policial. O intuito principal das relações estabelecidas não é o mantimento de uma aparente paz, justiça ou até mesmo vingança. Há uma importância criada por Rubem Fonseca em demonstrar como o sucesso pessoal é atrelado a desvios morais de caráter. Mandrake na delegacia é capaz de arrancar a peruca de Viveca e depois correr para o hotel a fim de buscar o resto do dinheiro que estava na jogada. A tese de que todo ser humano é corruptível, tem seu preço é demonstrada pelo autor.

Entende-se que o conto opera como uma narrativa curta, partindo deste princípio, Julio Cortázar em seu capítulo “Alguns aspectos do conto” aborda a importância da criação espontânea da literatura latinoamericana que não segue por si só um conjunto de regras muito bem definido, mas faz parte do imaginário do autor e da necessidade artística de um certo expurgo do “eu” que se insere no contexto sociopolítico latino.

O brutalismo, nomeado por Bosi e inaugurado por Fonseca, é a maneira literária de se aproximar da sociedade e da violência e inserir todo um contexto no conto. Essa afirmação fica clara quando mesmo se tratando de prostituição, relação com menor de idade e roubo a delegacia, espaço social que teoricamente remete a máxima de segurança, se volta contra Viveca evidenciando os interesses e preconceitos nas relações sociais que perduram até hoje.

Apesar de não usar elementos que descrevem os personagens de maneira profunda, o cenário do conto se apresenta como um complemento dessas descrições, fazendo com que a simplicidade da narrativa se perca dentro o jogo duplo que é articulado. Além disso, todos os personagens são característicos da estrutura brutalista que Bosi coloca todos os sujeitos enquanto vítimas do capitalismo e enfrentam a violência de si mesmos, o que dá origem aos personagens de Fonseca.

Rico aqui não manda nada, disse um dos tiras.  
E esse carro?, disse o tira ferido, no meio da confusão.  
Felizmente ninguém mais ouviu.  
É meu, comprei ontem, ainda não transferi para o meu nome, eu disse, enquanto o tira anotava numa folha de papel.  
Vamos esperar o comissário, disse o tira. (FONSECA, 2012, p.45)

Falar em violência na literatura também é falar de silenciamento de alguma voz, apesar de Fonseca ter afinidade com o período, ele deixa claro em seus contos os papéis sociais muito bem demarcados. As mulheres são sempre caladas, subversivas ou até em papéis duplos, como o de Viveca. Todos os personagens possuem uma sentença e um silêncio dentro de si, seja atravessada pelo machismo, seja perpetuante dela e com uma preocupação fúnebre a respeito da autoimagem e da estética burguesa.

Através de um aporte teórico a autora Eni Puccinelli em seu livro “As formas do silêncio”, o silenciamento é produzido a partir de diferentes mecanismos de construção do discurso, mecanismos esses que estão ligados a polissemia, ambiguidades, definições que possibilitam a relativização da verdade (e a coloca em cheque). Analisar esses métodos seria uma forma de entender como o silêncio funciona na ditadura e como ele fez com que a classe trabalhadora desse valor a esse silêncio, que está por detrás de interesses econômicos.

Mandrake, J.J. Santos e Viveca, não vivem uma aventura, vivem um abismo entre o silêncio e a violência explícita. Há um claro jogo de interesses entre todos eles, não há nenhuma relação heróica com quem é um pouco menos corrupto do que o outro, fato é que Viveca representa os marginais sempre a procura de sobreviver dentre as repressões que a cercam; já J.J. Santos representa a classe dominante, que não possui moralidade ou ética e só tem a única preocupação de não sair nas manchetes de jornais. Mandrake é um cidadão comum, um alquimista social, procura sempre uma saída rápida e fácil para seus problemas.

## **5. A perspectiva histórica e linguística do conto**

É de suma importância que um recorte histórico a respeito da construção da literatura seja feito, Rubem Fonseca em sua trajetória enquanto autor compartilha de muitas nuances entre a vida cotidiana, a violência e a Ditadura Militar. No primeiro capítulo deste trabalho, o aspecto da violência foi abordado enquanto objeto de análise para entender o brutalismo e suas definições e camadas dentro da perspectiva do autor nos aspectos do conto. Neste capítulo a abordagem usada será

quanto ao contexto a partir da visão linguística da comunicação e como essa interseção acontece quando relacionada ao período histórico.

Dentro da perspectiva da análise do discurso, a relação língua e linguagem possuem papel fundamental para entender como o silenciamento e a manipulação conseguem construir uma inverdade e “construir a moralidade” a partir do conservadorismo, de caráter civilizatório. A semântica, um dos pilares de estudo do português brasileiro, é capaz de explicar a atribuição de fenômenos linguísticos que visa explicar de maneira didática como se dá a construção de qualquer texto e qual real sentido atribuído às escolhas condicionadas de palavras.

Entender a moralidade em Rubem Fonseca é primordial para que seu papel enquanto autor se torne um dos mais relevantes do século XX. O entorno do conto, ou seja, definido por Cortázar a história que o conto não conta, ultrapassa muitos limites da vida cotidiana e urbana da burguesia carioca, é nítida a preocupação de Fonseca em trazer a falsa moralidade como uma espécie de escárnio, mesmo que ele tenha montado um conto com visões políticas que favoreçam a repressão.

Tendo em vista a importância da literatura que se comporta também como um dos principais veículos de comunicação, é possível perceber que estas, chegavam na casa do proletariado brasileiro de forma com que as histórias se mesclassem com a trama política do governo militar. Sendo o texto um objeto histórico, é possível perceber que a construção da obra de Rubem Fonseca é um recorte entre a linguagem de uma sociedade tomada pelo medo com a construção da violência e suas formas.

Utilizando da análise do linguista José Luiz Fiorin, é possível delimitar que o discurso que se propaga dentro de seu meio a partir da análise semântica, é de suma importância entender como a linguagem de um discurso afeta diretamente a construção da opinião política. Atravessa-se, então, a relação entre memória e história de forma com que a sociedade tenha como lembrança um discurso moldado de grande sucesso do período da ditadura.

Tendo em vista a configuração da censura no Brasil, a história da literatura conta com uma resistência da classe diante ao autoritarismo. Apesar disso, é possível perceber que, ao longo desse período histórico, a classe de autores e produções literárias não estava a todo o tempo alinhada com a ideia da liberdade de expressão. Alguns exemplos estão presentes na própria obra do Rubem Fonseca, que por sua vez se aproxima e demonstra afinidade com o período militar mas,

também passa por contradições quando aponta uma travesti e um banqueiro em um envolvimento sexual.

Analisando os mecanismos linguísticos do português brasileiro, é possível identificar que as diversas formas de silenciamento possíveis são capazes de entender o impacto da conjectura da informação na população da época. Pesquisar sobre a problemática da informação e do monopólio da informação dentro do período militar, interfere diretamente na necessidade de concretizar uma memória coletiva a fim de não esquecer a realidade do período ditatorial.

Em conjuntura da linguística com a história e as ciências sociais, é possível fazer um estudo completo da influência da censura em uma obra renomada da época militarista do Brasil. Traçar um paralelo com a criação da memória e entender que apesar de cumprir muitas vezes com as demandas dos censores houve a perseguição de diversas obras. Os jornais por exemplo agiam como um dos principais veículos de comunicação da época, era uma espécie de acolhimento da pessoa física, não somente como passagem de informação ou notícia, mas também as colunas de opinião e a relação de muitos cidadãos com a verdade; evidencia-se portanto a cristalização da violência sobre os meios de comunicação e artísticos.

A relação entre a verdade e a violência durante a Ditadura Militar de 1964 gera nos indivíduos questionamentos típicos de sua representação, consequentemente a banalização é o caminho natural das vivências experimentadas por essas pessoas. Dessa forma, a censura se apresenta como integrante desse conjunto de violências e parte de um discurso também já desgastado pela sociedade.

A memória e a literatura por sua vez andam lado a lado, numa espécie de alinhamento ideológico, só há memória se houver arte. A ideia de lembrança é um traço recorrente na literatura, em Dia dos Namorados, apesar da lembrança em si não ser o alvo da narrativa, a memória estabelecida pelo leitor é de que há algo de cômico no período histórico que o conto se passa. Atualmente, sob um olhar crítico e atualizado dos fatos, é possível interpretar o conto como uma forma de demonstrar as masculinidades exacerbadas, machismo, traições e muitas colocações equivocadas a respeito dos valores da sociedade.

Apesar do curto espaço de tempo entre o acontecimento do conto e o agora é possível partir de uma visão um tanto quanto otimista da relação da sociedade com os personagens do conto. No século XXI foram abordadas pautas sociais que

mostram a importância da regeneração política e intelectual, afetada diretamente pela memória e construção de uma sociedade civil menos violenta e hostil.

O jogo político é um grande mecanismo de castração da revolta do indivíduo em relação a forma como uma comunidade se coloca a partir das experiências que vivenciam. No caso da América Latina, as diversas formas de opressão que operam o continente sulamericano mudam o curso da história considerada “macro”, dos países, mas também da considerada “micro” dos seres.

As analogias utilizadas na arte para demonstração da vida cotidiana são constantemente afuniladas para o íntimo de cada autor. Em “Dia dos Namorados”, o que se tem como proposta é uma diversificação da violência em todos os aspectos do conto. Há a construção da banalização tratando os problemas de Viveca, J.J. Santos e Mandrake como corriqueiros o suficiente para que não haja força o suficiente que cause espanto.

A quebra de expectativa é tratada como normalidade e o ato mais sanguinário do conto parte do ser marginalizado e prostituído, já que no aspecto da violenta vida urbana, o valor atribuído aos seres é menor do que o valor atribuído às suas posses, nessa relação econômica os sujeitos sociais são como vítimas de uma estrutura que por si só os oprime.

A linguagem escolhida por Fonseca para integrar “Dia dos Namorados” é uma das escolhas que demonstram o papel da literatura na sociedade. Ainda colocando em pauta o silenciamento, é importante analisar seus diversos significados, atribuídos pela sociedade e por um interlocutor jornalístico, dentro da perspectiva da construção de um enunciado no português brasileiro. Entender como a língua portuguesa consegue funcionar semanticamente para que as estruturas de poder, no caso da ditadura militar, não só se mantenham, mas que cada vez mais ganham força necessária para que houvesse manipulação comportamental, utilizando do medo, da repressão e da censura.

Dessa forma, procurar entender como a construção de uma memória coletiva está ligada à literatura, especificamente ao período da censura, através da análise de seu próprio discurso é uma maneira de concretizar os estudos que envolvem o comportamento de uma comunidade a partir da escolha “certa” ou “errada” de vocábulos a partir da sua atribuição de significado.

## 6. Conclusão

Buscando entender as formas com que Rubem Fonseca atribuiu em sua obra o brutalismo, este trabalho apresenta uma análise de uma variedade de leituras e visões possíveis acerca do conto Dia dos Namorados, lançado em 1974 no livro Feliz Ano Novo. É perceptível que a literatura faz parte do imaginário de quem consome o livro de Rubem, como um escritor assíduo dos fatos corriqueiros do cotidiano que marcam a vida não somente de quem o lê mas também da história literária do Brasil enquanto país como chagas de violência marcadas por sua construção.

O livro conta com alguns contos que demarcam o brutalismo, a literatura policial e a forma como a sociedade da época encara a violência. É importante elucidar que neste trabalho a violência é um plano de fundo essencial na relação do cotidiano brasileiro e a vida urbana.

Além do mais, os personagens são caracterizados pela simplicidade vigente e marca do autor, há uma preocupação com o enredo e o clímax da história que delimita os processos de quebra de expectativa do leitor. Porém, mesmo partindo dessa premissa, todos os personagens, secundários ou não, fazem parte da sociedade da época, de fato eles são representantes de algo que vai para além do que está escrito.

A partir do que se entende de Literatura, seja na visão do Cândido ou a do Bosi, não há dúvidas como Dia dos Namorados retrata a relação entre história, memória e silenciamento nas obras de Rubem Fonseca. Apesar do autor não discordar claramente da Ditadura, muitas vezes encara declarações polêmicas, assim pode-se entender como sua obra representa suma importância para que o período não caia no esquecimento da sociedade.

Se analisado criticamente, como foi posto nesta discussão, Rubem Fonseca acrescenta muito nas discussões a respeito de classe, gênero dentro da vida cotidiana, mais uma vez levando sua genialidade na escrita que vai desde a escolha de palavras até o cenário do conto.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. O conto brasileiro contemporâneo. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Contexto. 2006.

FONSECA, Rubem. Feliz Ano Novo. Rio de Janeiro: Agir, 2012.

GASPARI, Elio. A ditadura envergonhada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.  
\_\_\_\_\_. A ditadura escancarada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b.

PELLEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. Crítica marxista, [S. l.], p. 1-22, 15 jun. 2005. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/artigo124critica21-A-pelegrini.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo124critica21-A-pelegrini.pdf). Acesso em: 23 nov. 2023.